



Universidades Lusíada

Muñoz Pizarro, Clara, 1990-
Carvalho, Hugo Emanuel Miranda de, 1992-

Someone : a cada encontro há uma inflexão na nossa vida

<http://hdl.handle.net/11067/304>

Metadados

Data de Publicação	2013-07-31
Resumo	Numa cidade... Lisboa... Uma jovem de 25 anos... Maria que gosta de correr como forma de evasão dos problemas do quotidiano. Uma manhã, em abril, Maria sente-se estranha, talvez devido à etapa difícil que está a atravessar, tanto a nível académico quanto sentimental. Apesar disso ou talvez por causa disso, como é costume todas as manhãs, Maria sai para correr. Mas, o que Maria não sabe é que, pelo caminho, ela vai encontrar-se com alguém... Esse encontro constituirá um momento de inflexão na vida dela....
Palavras Chave	Curta metragem
Tipo	other
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] Trabalhos académicos

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T09:28:00Z com
informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
LICENCIATURA EM COMUNICAÇÃO E MULTIMÉDIA
UNIDADE CURRICULAR DE “PROJETO DE PRODUÇÃO MEDIATIZADA”

LUSIMÉDIA – 2013

JUSTIFICAÇÃO TEÓRICA

Clara Muñoz

Nuestro trabajo va a consistir en la grabación de un cortometraje, el cual va a estar dividido en tres atos: en el primero (planteamiento), nuestra protagonista aparece en el interior de su dormitorio, recién despertada tras recibir una llamada de su teléfono móvil, a continuación la podemos ver durante unos segundos de reflexión sobre preocupaciones que la perturban y que la llevan a la desesperación, problemas familiares pero sobre todo académicas.

Este primer ato va a dar paso al segundo (desarrollo), en el que la protagonista se pone en pie, se viste y decide salir a correr, actividad que realiza casi a diario.

Ya en el tercer ato (desenlace) podemos ver como la protagonista huye de otro sujeto (antagonista), esto será en un parque, que simboliza en sentido figurativo la desorientación que siente y la incapacidad de enfrentarse a esas situaciones adversas. Más tarde descubrirá que el sujeto que la persigue es “ella misma”, que la resolución del conflicto viene de la misma fuente, ella. Es aquí donde se va a encontrar el “climax” de nuestra historia, ya que es el momento en el que se resuelve el problema, se contesta la cuestión central, se acaba la tensión y se arregla todo (o casi todo).

Como he dicho antes, esta historia va a tener un formato digital de cortometraje, de unos 3 o 4 minutos aproximados de duración, en los cuales jugaremos con diferentes ángulos y planos de la cámara, la mayoría de ellos serán cortos y con poca profundidad de campo (primer plano, plano detalle...) para enfatizar el conflicto creando tensión en el espectador y así enfatizar más la acción.



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Hugo Carvalho

O principal conceito a realizar baseia-se no facto de que é impossível alguém fugir de si próprio, isto é, todas as pessoas têm os seus medos, dúvidas, inquietações, relacionadas com as escolhas que fazem e atitudes que tomam. Estas nossas ações, inevitavelmente, têm as suas consequências, positivas ou negativas, às quais temos de ter sempre algum tipo de reação para seguirmos com as nossas vidas. Esta é a mensagem que se pretende transmitir. A história será desenvolvida à volta de uma rapariga jovem, que como todas as pessoas, tem os seus problemas e preocupações no dia a dia, vindas das escolhas que faz, dos percursos que toma e das relações que mantém com tudo e todos aqueles que a rodeiam. A ação principal centrar-se-á na fuga do protagonista de um estranho perseguidor (antagonista), num bosque que simbolizará um lugar que o protagonista não sabe exatamente definir, onde está perdido e desesperado por encontrar uma saída. Esta fuga da personagem principal representa em sentido figurativo a renúncia e falta de capacidade de enfrentar situações adversas às quais se depara em todos os planos da sua vida, em que posteriormente irá descobrir algo que nunca tinha imaginado, afinal o grande causador deste pânico é a mesma pessoa que o persegue, o seu "eu" psicológico. A grande questão com a qual a protagonista se vai enfrentar vai ser a negação de que quando temos problemas e passamos por situações que não nos correm como esperamos, muitas vezes procuramos culpabilizar terceiros, onde os únicos e reais responsáveis somos nós próprios e só nos cabe a nós a responsabilidade de mudança. Essa negação é inútil.

Esta história vai ter um formato de vídeo digital (curta-metragem), com o objetivo de ser reproduzível em várias plataformas multimédia para que a mensagem contida possa ser partilhada e discutida por um maior número de pessoas possível.

A curta-metragem de ficção Somenone propõe-nos uma viagem aos meandros do subconsciente de cada um de nós, um confronto com os nossos medos mais íntimos: o olharmo-nos nos olhos, o fugirmos de nós mesmos, de quem somos, de onde viemos e para onde vamos, no fundo, ainda as questões tão kantianas, sempre recuperadas, retomadas, recolocadas e nunca respondidas até que consigamos olhar-nos nos olhos, olhar o nosso próprio rosto ainda que inverso na perspetiva e que o nosso lado destro seja o nosso lado esquerdo, em italiano, e com tanta propriedade, o nosso lado sinistro... Aquele lado de nós que tanto tememos... Temendo-nos, afinal, a nós



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

próprios.

Propondo uma ficção, Someone utiliza uma gramática e uma sintaxe que pretende homenagear o cinema documental. Gravado quase integralmente em Câmara à mão, promove o nosso reencontro quer com os primórdios dos primeiros registos de imagens cinematográficas, quer para a década de vinte do século passado, com os trabalhos do americano Robert Flaherty (1884-1951) e do soviético Dziga Vertov (1895-1954). Ou seja, em Someone, as imagens registadas convocam o nosso olhar para o exterior do próprio filme, convocando o cinema-olho de Vertov, isto é, a quase ausência de dramatização., optando antes por uma montagem (uma organização de imagens) que flui como um pensamento.

Em Someone é, no fundo, o pensamento que podemos ver representado, o receio de nós mesmos, o queremos fugir de nós mesmos e a constatação dessa impossibilidade... No final, por mais que possamos fugir, o encontro que temos marcado não é com os nossos medos... É connosco mesmos! Face a face connosco, nada mais resta do que olharmo-nos e... Seguirmos....